

Ruínas de ponte romana no Itinerário de Chaves a Vinhais

Os estudiosos destes assuntos nem sempre conseguem elementos que lhes removam dúvidas, já que a memória humana facilmente esquece aquilo que se vai dispensando do uso habitual.

Fala-se em duas saídas de Chaves para nascente. Uma é por São Lourenço, bem assinalada, com a sua calçada romana ainda visível, e com a ponte minúscula ao cimo da dita aldeia, e a pouco distância da ponte actualmente em uso.

Foi lá mostrar-ma o senhor Engenheiro Bento Morais Sarmiento há uns anos atrás. Dali, alvitram alguns que a via seguiria por Vilarandelo.

Não falta quem defenda, como segunda possibilidade, outra via por Faiões e Assoreiras, subindo o Souto Bravo para a vila e castelo de Monforte de Rio Livre, continuando por Noselos, cujo pontão existente e em uso, parece não ser romano.

Os interessados nestas andanças não tiveram certamente oportunidade de subir à aldeia de Tortomil, situada na linha directa da via, desde São Lourenço, por Tinhela e Fiães, onde recolhi o dizer dos homens mais velhos daquela terra. Eles me afirmaram que ali passava a estrada romana vinda de Chaves por São Lourenço, Tinhela e Fiães, descendo depois pela *Quinta de Picões*, até ao rio Rabaçal. Há tantos anos se perdeu essa via, que ninguém dava relações da ponte romana ao fundo da referida *Quinta de Picões*.

É que o trânsito fora desviado há muito para norte. Por isso existiram as pontes ditas de Vale de Armeiro junto à confluência dos rios Mente e Rabaçal, uma em cada rio a montante da junção,

O tráfego passou a orientar-se por Lebução, até próximo da aldeia de Vilartão, tomando o monte desta, pela face de norte, a caminho das referidas pontes de Vale de Armeiro.

São bem visíveis os fundos trilhos pelo monte. Lá passei há doze anos. Hoje estão sem tabuleiros, que arderam.

A velha ponte romana perdeu-se entre o mato e os fragedos, apenas conhecida dos pescadores das trutas, que por ali vão passando e sem raciocinarem sobre o significado das pedras em que se sentam, tomados pela paixão desportiva.

Quem viaja na estrada que hoje liga Chaves a Vinhais, encontra, sobre o Rabaçal, a ponte de Rebordelo, alta, elegante, bem lavrada, e bem segura.

O Rabaçal, pela sua extensa bacia, desde os picos da serra da Sinábria, em ocasião do degelo das neves e de grandes temporais, leva grandes cheias.

Ora a menos de um quilómetro para montante desta ponte actual, existem os restos da ponte romana que teria três arcos, em sítio estreito, de molde a facilmente abraçar as duas margens.

A zona é de difícil acesso, com as margens rochosas e de acentuado declive, com afloramentos graníticos em profusão. O próprio leito do rio mostra-se juncado de rochedos arredondados a emergirem acima do nível das águas.

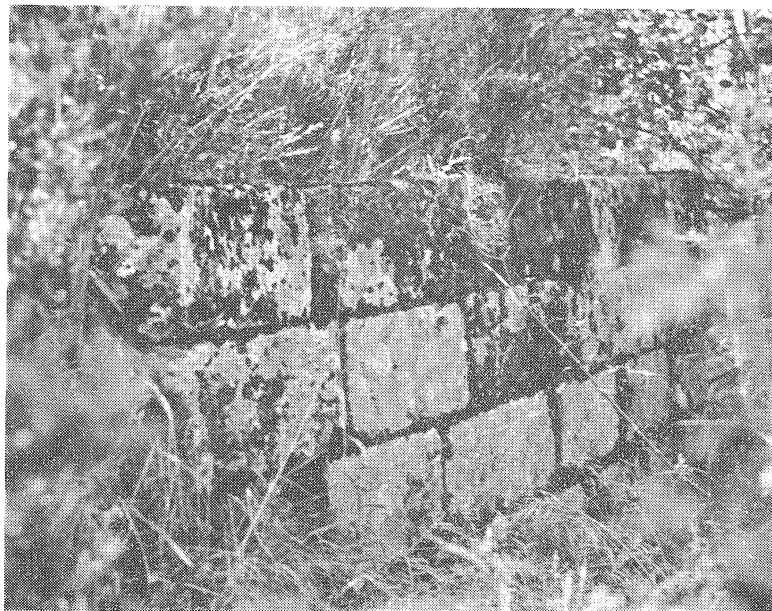
Um destes rochedos foi escolhido pelos romanos para ser desbastado, em parte, acima do nível da água, e sobre ele nasceu o pegão principal da ponte.

O seu corta-mar começou acima do nível da corrente, mas depois, para a ponta, as pedras foram assentes em níveis cada vez mais baixos, sob a água.

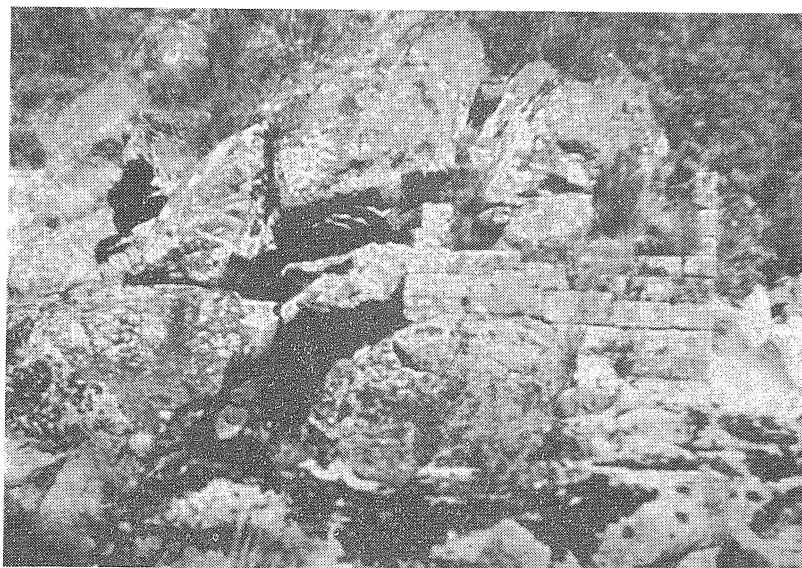
Na margem esquerda do rio, o paredão da ponte começa sobre uma rocha, a cerca de metro e meio acima do nível da água, emoldurando uma escarpa, aproveitada muito curiosamente para enchimento do seu interior. Ainda nos mostra algumas fiadas bem firmes.

Na margem direita nasce outro pegão, também, mais ou menos, à altura de meio metro acima do nível da água.

O último suporte, o quarto a contar da margem esquerda para a direita, assenta numa plataforma, na cota dos dois metros acima do nível da água.



Restos do pilar da ponte romana, na margem direita do Rio Rabaçal.



Restos do muro da ponte romana na margem esquerda do Rio Rabaçal.

As medidas, da margem esquerda para a direita são 10 m de vão, 3,60 m de pilar, mais 15,50 m do segundo vão, mais 3,60 do outro pilar e ainda 9 m do último vão.

A largura da ponte, medida na parede existente na margem direita, é cerca de 4,50 m.

O segundo pegão, ainda bem sólido, mostra o corta-mar, tanto a montante como a juzante, em sentido oblíquo, à busca da rocha marginal, aonde se vai apoiar. Por cima houve obra humana à toa, especialmente na plataforma que envolve o último muro ainda existente do lado direito, para aproveitamento do terreno circundante, povoado de oliveiras abandonadas hoje entre o espesso matagal.

Ao nível do tabuleiro, deste lado em causa, o solo é em grande declive, de terra mole e fértil, e semeado de rochas.

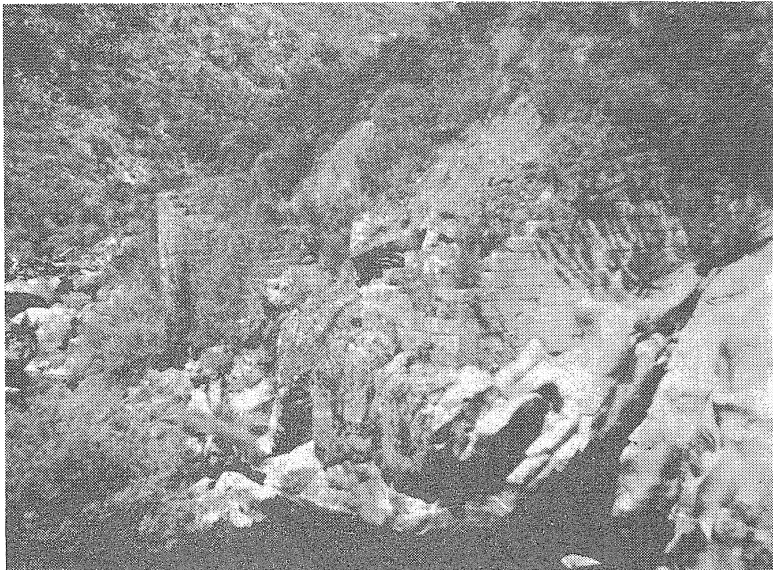
Não é fácil adivinhar, nestas circunstâncias, o trilho da via, que deve ter sido desfeito para o cultivo das oliveiras ainda existentes. Estas não mostram idades propectas. Terão, quando muito, trezentos anos ou quatrocentos.

No cima do declive sobranceiro à ponte, ainda do lado direito do rio, nota-se entre os pinheiros uma rodeira de carro que desce para o lado de juzante. Todavia, parece mais fácil e mais provavelmente o acesso à ponte ser por montante.

A margem esquerda do rio, junto ao tabuleiro, é muito alcatilada uma face granítica a elevar-se muitas dezenas de metros, onde deve ter sido difícil abrir o caminho de acesso. A pedra para a ponte teria sido cortada pelo sítio onde iria sendo aberto o caminho.

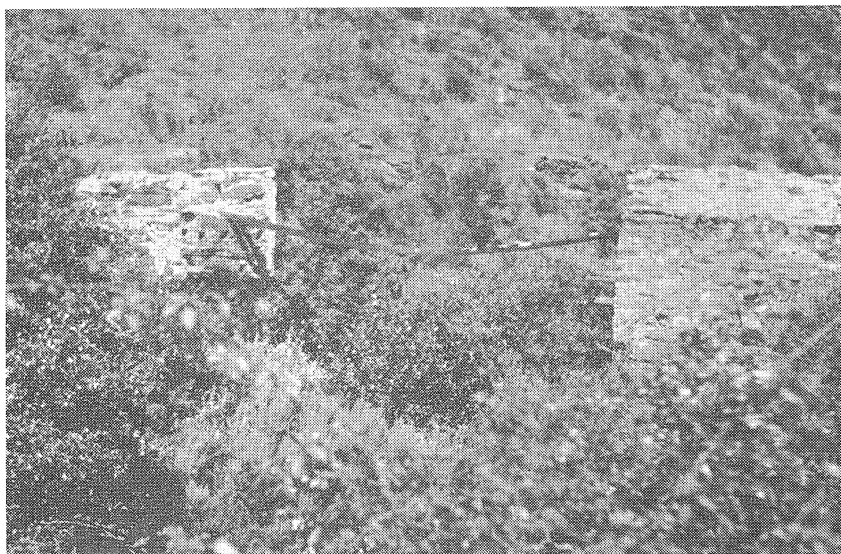
Também deste lado se podem admitir duas hipóteses: Uma saída para nordeste, mas com forte subida, ou então a (mais provável?) via para noroeste, ao longo da margem do rio, ladeando o monte para seguir por Vale de Armeiro.

As margens rochosas naquela área mostram o tom diferente da sua fronte: rosto lavado e corado até ao nível das enchentes, contrastando com a tiz morena na face superior, onde os líquenes espreitam amedrontados, o referver das águas impetuosas e ameaçadoras, nas horas de grandes cheias.



Fotografia tirada para o lado nascente do rio

Restos das duas pontes, na margem esquerda do Rio Rabaçal, às quais se faz alusão no texto, vendo-se o leito pedregoso.



Restos da ponte de Vale de Armeiro, cujo tabuleiro foi queimado há poucos anos, a qual era sobre o Rabaçal, poucas dezenas de metros acima da confluência do Mente.

A uns vinte e cinco metros de distância dos restos da ponte romana, outros restos de outra ponte existem, para montante.

Esta segunda ponte mostra ainda um muro de suporte na margem esquerda, com cerca de sete metros de altura. A face deste muro, voltada para a corrente, é arredondada. Esta forma convexa deixa-me intrigado. Ali não podia nascer um arco. Por isso penso que a ponte seria com tabuleiro de madeira. As fiadas das pedras são de medidas irregulares, ao contrário da outra ponte. São assentes em calços de xisto com argamassa. Na outra ponte, são assentes em rigorosa junta seca e leito primoroso.

Na margem direita, o muro de suporte desta segunda ponte é sobre enorme fragão; mas já só mostra um restinho de pedras bem assentes, vendo-se enormes quantidades delas amontoadas no chão. A distância de um muro ao outro, será de uns vinte e quatro metros; e o leito do rio, semeado de rochedos pequenos e arredondados, não mostra sinais visíveis de obra humana. Por isso não há hipótese de um pilar de pedra a meio do rio.

Um singular aparelho de carpintaria, — à semelhança do que ainda vi uns dez quilómetros acima, na ponte que sobre o rio Mouce ligava a aldeia de Segirei (concelho de Chaves) com Sandim (concelho de Vinhais) e outras aldeias de Lomba — poderia ter existido, para vencer tal distância entre as duas margens.

Esta ponte rudimentar teria sido a sucessora da ponte romana, para garantir o tráfego naquela região, dando continuidade aos usos estabelecidos e aproveitando os trilhos existentes.

A meio do rio, sob o tabuleiro, um rochedo de dimensões não grandes, dá a ideia, pelo orifício que tem, de haver sido preparado para nele introduzir forte tronco de árvore que se erguesse como atlante para, ao menos, ajudar ao lançamento das travessas.

Ambas as pontes teriam igual altura para atingir o mesmo nível do caminho.

Mais para norte, do lado esquerdo do rio, existem lanços de muros de suporte que, apesar de irregulares e imperfeitos, parecem ser do caminho para Vale de Armeiro. Correm ao lado do rio, para montante, e a curta distância da margem. Nada garante a sua origem, mas tudo leva a crer que seja da via romana.

A cerca de um quilómetro para norte, também a montante destes restos destas duas pontes em causa, outro muro existe, perto da água, num local em que o leito do rio é muito largo, em relação ao sítio estrangulado da ponte romana.

Esse muro encontrava-se, no dia em que o vi, no meio de tão espesso matagal, que não me foi possível verificar qualquer pormenor acerca da sua razão de ser.

Ali poderá ter existido um pontão a substituir a falha das pontes em baixo arruinadas, obra talvez popular e de emergência para o inverno, já que no verão ali se passava muito bem o vau. Ambas as margens dariam bom acesso ao caminho e até a encurtar a distância do zigiguezague no desfíladeiro para alcançar a ponte.

Era um dia de Agosto, quente, sem pé de vento. Tentei chegar às pontes de Vale de Armeiro. Tive dificuldades em alcançá-las, pois os fragões são muitos e difíceis de ultrapassar, assim como as silvas e os arbustos. Sentindo o perigo da insolação, pela hora de sesta, e só, fotografei ao menos o resto da ponte sobre o Rabaçal, acima da confluência do rio Mente. A ponte deste, já não consegui dirigir-me, abrasado e febril como me sentia.

Regressei a custo até ao carro que ficaria junto à ponte de Rebordelo, para ir ao povo em busca de remédio que me ajudasse naquelas circunstâncias, já que estas investigações, às vezes nos deixam um sabor amargo...

ANTÓNIO DA EIRA

Professor na Escola Preparatória de Vila do Conde
Sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia